

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUZ E SOMBRA – REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA
10 de Dezembro de 2022

KRZYZACY / 1960
(Os Cavaleiros Teutónicos)

Um filme de Aleksander Ford

Realização: Aleksander Ford / Argumento: Aleksander Ford, Jerzy Stefan Stawinski e Leon Kruczowski, baseado num romane de Henryk Sienkiewicz / Direcção de Fotografia: Myeczislaw Jahoda / Direcção Artística: Roman Mann e Tadeusz Wybult / Guarda-Roupa: Wieslawa Chojkowska, Stefan Mozkowicz, Mechele Zahorska e Lech Zahorski / Música: Jan Krenz / Som: Leonard Ksiezak e Leszek Wronko / Montagem: Alina Faflik e Mirosława Garlicka / Interpretação: Grazyna Staniszevska (Danusia Jurandowna), Urszula Modrzynska (Jagienka Zgorzelic), Myeczislaw Kalenik (Zbysko Bogdanka), Aleksander Fogiel (Macko Bogdanka), Andrzej Salawski (Jurand Spychowa), Leon Niemczyk (Fulko Lorche), Henryk Borowski (Zygfrid Lowe), etc.

Produção: Zespol Filmowy / Produtor: Zygmunt Krol / Cópia, colorida, falada em polaco com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 175 minutos.

Como para o **Nevski** de Eisenstein, cerca de 20 anos antes, os Cavaleiros Teutónicos serviram a Aleksander Ford, na Polónia do início da década de 60 (e num momento de escalada da Guerra Fria e das tensões Leste/Oeste), para uma metáfora da “ameaça alemã”. Serviram a Aleksander Ford, ou antes, serviram às autoridades polacas. **Krzyzacy** foi uma encomenda oficial, destinada a comemorar os 550 anos da batalha de Grunwald, que opôs os polacos aos invasores teutónicos, e como peça preparatória das celebrações do primeiro milénio da fundação do estado polaco, um acontecimento que se convencionou ter tido lugar no ano de 966. Sendo as grandes operações de propaganda e de “relações públicas de Estado” o que são, a História, quando é convocada, vem sempre com o lastro do presente. No caso, 15 anos depois da II Guerra, para além todas as tensões entre os dois grandes blocos políticos europeus, a Polónia vivia uma tensão particular com a Alemanha Federal, que pressionava para que fossem revistas as linhas de fronteira entre os dois países, estabelecidas no fim da guerra. Portanto, com uma só cajadada (uma grande cajadada de quase três horas), matavam-se dois coelhos, o das celebrações históricas do passado e o das afirmações políticas no presente.

Não espanta que Aleksander Ford tenha sido o realizador indigitado para a ocasião. Por essa altura, com 52 anos, era o mais prestigiado cineasta polaco no activo, com uma longa carreira que remontava aos anos 30 e, no imediato pós-guerra, alguns filmes bastante importantes na documentação e reflexão do sucedido à Polónia no período 1939-45 – como o documentário sobre **Majdanek** (“Majdanek – Cemitério da Europa”, já visto nesta sala, e tido como o primeiro filme com imagens dos campos nazis a ser comercialmente estreado em todo o mundo), ou o famoso **Ulica Graniczna**, estreado

em 1949, sobre o “ghetto” de Varsóvia. Este currículo de obras inapelavelmente anti-nazis mereciam-lhe a confiança das autoridades comunistas, algo que não necessariamente recíproco. Judeu, Ford ressentia-se do anti-semitismo fomentado pelas autoridades, e houve um momento em 1968 em que, entrado em confronto directo com o estado, foi expulso do Partido Comunista e forçado a emigrar – primeiro para Israel, depois para os EUA, onde ficou o resto da vida, até se suicidar em 1980.

Talvez uma das razões para que este “outro Ford” não tenha, na história do cinema, o estatuto merecido por quem passou por tanta coisa diferente, resida na própria relação de ambiguidade com ele mantida por aquele que em 1960 estavam apenas a começar mas representavam já, internacionalmente, o “rosto” do cinema polaco. Apesar de ter sido professor de vários deles (dos Wajdas, dos Polanskis, etc), eles não se reconheciam no estilo e no feitio “antigos” de Ford, e no caso concreto de **Krzyzacy** levavam a mal o filme ser tão “obediente” ao guião político pretendido. Encontram-se registos de reacções de Andrzej Wajda (então na crista da onda, depois dos seus filmes dos anos 50 que puseram a Polónia no mapa do cinema internacional) na altura da estreia do filme de Ford, em que lamentava que **Krzyzacy** “danificasse os esforços da escola de cinema polaca” no sentido de fintar e subverter as directrizes impostas pelas autoridades políticas.

Todo este contexto será talvez supérfluo no momento de ver o filme, mas ao mesmo tempo é importante para compreender os seus contornos épicos e quase primitivistas – apesar de tudo, já não se faziam muitos filmes assim em 1960, e há um fôlego em **Krzyzacy** que tanto espreita um certo academismo como, por outro lado, recupera um tipo de espectacularidade com raízes longínquas, remontando ao próprio tempo do cinema mudo. É claro que é maniqueísta: as personagens teutónicas são silhuetas (como já tinham sido para Eisenstein) que não têm um décimo da espessura das personagens polacas; mas por outro lado, visualmente, esse maniqueísmo (também propiciado pelas indumentárias teutónicas, feitas de branco e preto) é bastante bem aproveitado no contraste com as cores polacas (os vermelhos, sobretudo), e até com as cores da natureza. Natureza que, de resto, nunca está muito longe (logo a abertura, por exemplo, com os bosques e os animais, e um ritmo de montagem “lírico” ou pelo menos musical que de facto reenvia para o cinema mudo), e faz quase sempre parte da atenção de Ford nas cenas de exteriores, inclusive nas cenas de batalha (que também são realmente espectaculares, em encenações bem mais dinâmicas e imaginativas do que as se vêem hoje nos chatíssimos “espectáculos” hollywoodianos dedicados a recriar os tempos e as batalhas medievais). Vale bem a pena ver o filme, pelo seu significado histórico, mas também por todo o espectáculo que não depende dele e, surpreendentemente, continua a resistir, mais de 60 anos depois de 32 milhões de polacos terem feito dele o filme mais visto (ou assim se estima) de toda a história do cinema da Polónia.

Luís Miguel Oliveira